

Variação, mudança lingüística e ensino de língua portuguesa: uma proposta para a formação de professores e ensino de língua portuguesa na escola.

*Carlos André Barroso de Freitas
Dênis Américo Correa dos Santos
Everton de Souza*

Abstract

The linguistic diversity in the Brazilian territory has been waking up along the Brazilian History, the many researchers' interest and curious that look for to erect explanations to get to give bill of the entangled of languages that they constitute the Brazilian Portuguese. That diversity, that ends up converging in the school atmosphere, it has been demanding professionals more and more qualified to undertake a teaching of maternal language that it takes into account all the linguistic heterogeneity of the Brazilian people. Like this, we looked for in this study, to analyze the form as the degrees in Letters has mixture their students in the sense that these can come across the linguistic diversity and to treat her in way to potentiate the acquisition of the norm pattern on the part of the students of the Basic Education.

Resumo

A diversidade lingüística no território brasileiro tem despertado ao longo da História brasileira, o interesse de muitos pesquisadores e curiosos que buscam erigir explicações que consigam dar conta do emaranhado de línguas que constituem o português brasileiro. Essa diversidade, que acaba convergindo no ambiente escolar, tem demandado cada vez mais profissionais capacitados a empreender um ensino de língua materna que leve em consideração toda a heterogeneidade lingüística do povo brasileiro. Assim, buscamos neste estudo, analisar a forma como as licenciaturas em Letras têm preparado os seus discentes no sentido que estes possam deparar-se com a diversidade lingüística e tratá-la de forma a potencializar a aquisição da norma padrão por parte dos alunos da Educação Básica.

Palavras-chave: Lingüística, ensino de gramática, língua portuguesa, linguagem.

Introdução

As discussões à respeito dos estudos lingüísticos no Brasil tem trazido muitos adeptos numa relativa tentativa de se descobrir os melhores caminhos para transmitir de forma adequada o nosso idioma. Neste propósito, ao escrevermos este artigo estamos também contribuir para tal busca.

Por volta do ano de 1777, século XVIII, surgiram na Europa o interesse e a necessidade de descobrir e entender os fenômenos que ocorriam sobre as línguas em determinado momento. Diante dessa causa, elabora-se na Grécia as primeiras tentativas de estudos lingüísticos.

Porém esses estudos primavam pela busca do uso sistemático, ou seja, a formalidade que os levaria a materializar seus objetos. Em seguida a filologia aparece com o propósito de analisar fatores lingüísticos através dos textos literários em seus

aspectos sincrônicos. Contudo, ao se basearem nas formas escritas, os filólogos estavam longe de atingir os princípios da língua propriamente dita.

Uma terceira tentativa foi realizada pelo filólogo Franz Bopp ao confrontar as línguas européias, chegando à protolíngua: o indo-europeu e dessa forma nasceu a gramática da comparação. Ao observar através da comparação de que forma o latim, o grego e o sânscrito se assemelhavam e também evoluíram, latim (*genus-generum*); grego (*géneos-genéan*); sânscrito (*gónas-gonasam*), Bopp proferiu um grande avanço para compreensões posteriores, ainda assim, não apresenta nenhum objeto de uma ciência da língua.

Mais adiante, Ferdinand de Saussure, a partir de seus estudos dos caracteres da língua, conseguiu, finalmente atingir o ponto principal e único objeto da lingüística. O mesmo, buscou fazer uma análise da língua a partir dela própria, isto é, estudar a língua por ela mesma.

Nesses parâmetros, ficou alicerçado pelo próprio Saussure, de que forma o lingüista deveria agir para compreender os fatos da linguagem, levando em conta os aspectos extralingüísticos. Nesse contexto, cabia ao estudioso buscar as histórias das línguas a fim de descrevê-las como também encontrar suas origens.

Para uma definição de língua, Saussure realizou estudos aprofundados relacionados aos elementos que fazem com que os sons sejam emitidos e entendidos por cada falante. Assim, depois de admitir tantos fatores coordenando o universo da fala, o mestre de Genebra reconhece que é difícil resumir o objeto da lingüística, mesmo porque nesse âmbito há a interferência de várias ciências.

A língua é apresentada como um conjunto de signos concretos dos quais se faz uso para o aparecimento de algo mais complexo, ou seja, a linguagem. É ela o único meio de se exprimir idéias, ou seja, só através dela é que se pode captar os falares, os sinais de contato entre surdos-mudos, sinais de trânsito. Tudo isso faz parte do amplo universo lingüístico. Dessa forma, pode-se entender como funciona, principalmente a lingüística.

Além de Ferdinand Saussure, outros estudiosos se empenharam em ir mais à fundo no campo da lingüística. Chomsky (1965) que delimitou como objeto de sua teoria lingüística a competência de um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade lingüística completamente homogênea e possuidor de um conhecimento excelente de língua. Por sua vez, Hjelmslev analisou as relações entre as formas que integram um sistema lingüístico, para ele ao analisar tais sistemas não se pode fixar-se na observação de uma variabilidade extralingüística e superficial. Esses e outros personagens que contribuíram e os que, atualmente, vêm contribuindo para o avanço da lingüística são responsáveis pela ampliação do saber lingüístico.

Desse modo, tomou-se conhecimento de que no universo lingüístico ocorre a variação lingüística como também suas mudanças, fatores esses que são observados no curso histórico das línguas. Há, pois, dois fenômenos relacionados à lingüística: o movimento sincrônico e o diacrônico. Conforme Saussure, “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que se diz respeito às evoluções.”

Pretendemos através desse viés fazer algumas interrogações acerca do ensino de gramática na escola. É necessário o formando em letras aprofundar os conhecimentos em lingüística para ser conseqüentemente um bom professor de português? Como o professor de língua portuguesa pode utilizar as concepções lingüísticas ao ensinar gramática? Está a escola acertando em passar o tradicional ensino de gramática sem levar em consideração a fala de seus alunos? A diversidade lingüística está sendo respeitada em consonância com a diversidade cultural dos educandos? São essas e

outras interrogações que esperamos esclarecer e que você leitor possa tirar suas próprias conclusões a partir da leitura deste artigo.

Variação lingüística

O mundo está repleto de diversidades que coexistem simultaneamente; há diferenças de tradição entre povos as quais estão relacionadas à cultura, aos fatores socioeconômicos, além da diversidade cultural, entre outras. Cada povo modela seus momentos presente e futuros baseados no que vivenciou em seu passado, ou seja, as modificações evolutivas que determinado grupo social concretiza não fogem de um padrão social ocorrido em tempos anteriores. Dentro dessas diferenças, o propósito deste artigo é o de demonstrar, de maneira particular as variações lingüísticas.

Em todo o mundo são milhares de línguas que se diferenciam pelas suas construções, entoações, e sabemos que no Brasil, que é um país muito extenso territorialmente e muito bem povoado. Tais diferenças ocorrem frequentemente. Para ter certeza que as línguas variam, basta observar e fazer uma comparação lingüística em estados como Rio de Janeiro e São Paulo ou Bahia e Rio Grande do Sul. Porém, é mister salientar, que navegando no universo lingüístico brasileiro, as variações encontradas não são fatores que impedem que pessoas de regiões distantes tornem-se incomunicáveis entre si, uma vez que as variantes encontradas dizem respeito apenas às peculiaridades que cada região concebe de sua própria cultura: são termos do conhecimento das diferentes regiões brasileiras, que dependendo da influência cultural, atribuem nomenclatura diferente ao mesmo significado de uma dada palavra.

O termo variação abre passagem a alguns tipos, ou seja, não se simplifica uma variação apenas a um elemento encontrado, ela pode ocorrer em níveis diferentes, quanto Fiorin aborda que:

Pode ser que o falante não saiba que “jerimum”, palavra muito mais usada na Bahia, corresponde a “abóbora”, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país. É, contudo inegável que, ainda que hajam tais diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua. Falamos a mesma língua em São Paulo e na Bahia.” (Fiorin 2003 p122)

No exemplo citado acima temos o que segundo este autor, denomina variação lexical. A passagem tirada de uma obra do próprio autor demonstra um dos tipos de variação, a lexical. Os dois exemplos que representam o mesmo significado são palavras comuns no território brasileiro, sendo que cada um em sua região. Não é porque “jerimum” é usado na Bahia e não no sul do país que irá provocar um bloqueio no diálogo entre falantes dos dois lugares. A relevância em demonstrar esse tipo de variação está pautada no reconhecimento do interlocutor ao ouvir um termo e este não causar dúvidas de que língua se está falando. É através da construção da palavra que a operação sonora da mesma demonstrará que o idioma, apesar de variado é o mesmo.

A variação a nível fonético é analisada por Fiorin dando exemplos de finais de palavras que tem como terminação a letra ‘r’. Nesse contexto, o autor faz uma comparação do falante paulista para o carioca. Nesse sentido, o que se leva em consideração são as questões de sotaque. Observamos que a diatopia é quem rege os parâmetros fonéticos da língua, pois são nas distâncias de lugar físico que se pode detectar esse tipo de variação. A variação diafásica nos remete a situações de uso, ou seja, há momentos ditos mais formais em que o discurso é preparado para situações científicas, por exemplo, em que o falante tem a preocupação em rebuscar sua

linguagem, tendo sua frase bem mais construída sintaticamente, enquanto que num ambiente mais descontraído, como é o caso do seio família, seria pedante comunicar-se com filhos ou pais de forma científica, pois as condições de carinho que as palavras têm seriam diminuídas.

A diafasia está presente também na variação, que diz respeito às variantes de pronúncia e que também é uma variante individual que se difere na situação de fala.

Podemos dizer ‘andar’, pronunciando o ‘r’, ou então o que seria grafado como ‘andá’, colocando o acento agudo sobre o ‘a’ da última sílaba. Desse modo, as variantes para expressar a noção gramatical de ‘infinito’: o morfema {-r} e o morfema □ (vazio, decorrente do apagamento do -r-). Esse é um exemplo, portanto de variável morfológica. (Fiorin 123)

Assim, afirma Fiorin que o falante que num primeiro momento, descontraído, livre da formalidade faz o apagamento da consoante ‘r’ final é o mesmo que numa situação mais exigente fará o uso dito ‘correto’ da língua portuguesa. Essa afirmação, segundo o autor, depende também do grau de escolaridade do falante, mais freqüente será a variação utilizada, entretanto é comum em discursos científicos, a percepção do apagamento do ‘r’ nos infinitos.

Ainda segundo a linha de raciocínio do autor citado acima, existe ainda um tipo de variante que diz respeito às relações de valor que o falante deseja atribuir em decorrência do momento. A variação sintática pretende fazer uma análise da língua em nível frasal, ou seja, aqui são detectados elementos que na negação de repetem para enfatizar algo e que numa outra frase um tanto além do contexto. Nesse tipo de variável há também a afirmação de que certos termos organizados na oração podem, a depender da situação de fala, causar redundância ou de tanta formalidade caracterizar o pedantismo do emissor.

Todos os tipos de variação que aqui foram citados servem não só para demonstrar as formas pelas quais se dão os processos de variação, como também assegurar as idéias discutidas por Labov de que as variações são características inerentes das línguas, diferentemente do que disseram os estudos apontados por Chomsk. Tais estudos caracterizam as variações como “acidentes da língua”. É a partir da sociolinguística que se observa o verdadeiro valor e a comprovação dos valores das variáveis linguísticas.

As variantes são identificadas socialmente de vários tipos, entretanto os aspectos mais comuns ou mais freqüentes estão relacionados às questões econômicas dos falantes. Existem as variantes denominadas pela sociolinguística de variantes de prestígio e estigmatizadas. A primeira faz menção às classes sociais estabelecidas, ou seja, variantes que acontecem de cima para baixo, das classes ricas para as mais pobres. Isso acontece quando, termos falados por pessoas ditas cultas são assinalados pelas outras classes como uma á língua, esse enfeite vai sendo passado, principalmente pelos meios de comunicação e entretenimento dando a idéia de que o indivíduo que não a usar, tornar-se-á descontextualizado ao presente linguístico. Tal fato pode ser explicado tendo para o Rio de Janeiro com a mudança da família real portuguesa. Nesse sentido, Labov afirma que “há uma tendência das classes inferiores de aceitar as inovações propostas e usadas por pessoas estabelecidas socialmente”.

Já as variantes que atuam de baixo para cima na tabela social, são variantes que acontecem sempre nesses extratos sociais baixos, isto é, a troca de ‘l’ por ‘r’ como em ‘planta’, e o uso sintático dos pronomes pessoais de variantes desprestigiadas. É por

conta de exemplos como esses, que o falante dos extratos sociais baixos são estigmatizados.

Diante das causas e conseqüências sociais acerca da língua, concluímos sua variação nos dimensiona a importância de se associar os estudos lingüísticos aos parâmetros extralingüísticos que se desenvolvem com o passar do tempo. Percebemos que a questão territorial é um importante fator para a detecção e diferenciação das formas pelas quais a língua varia e o motivo disso.

Ao termos como objeto o português brasileiro, concluímos que em favor do seu extenso território, estão os meios de comunicação, que são hoje indissociáveis de nossas vidas, tem proporcionado encurtamento das distâncias culturais e conseqüentemente lingüísticas. São forças chamadas de centrípetas, pois há embutido um sistema nesses meios de comunicação em unificar a língua falada. Porém, cada comunidade tem sua cultura pautada em valores diferentes e esse âmbito propicia as diferentes formas de analisar e se posicionar os aspectos sociolingüísticos assim como em outras.

Mudança lingüística

A autonomia que a língua tem de se desenvolver, diferenciar e assumir novos aspectos é, segundo Martellota, um dos principais motivos pelos quais a sociolingüística tem se aprofundado cada vez mais em busca da valorização científica das suas características. A comunidade de fala, levada em consideração, é o fator crucial para que possamos perceber, no âmbito lingüístico, que existe uma sensibilidade quando relacionada às questões culturais, ou seja, o estilo de vida, o grupo sócio-econômico, o convívio social fazem com que seja perceptível algumas diferenças faladas e até mesmo escritas num único idioma.

Tais diferenças quando associadas a fatores momentâneos, isto é, que podem ser explicados num tempo real, são caracterizados como diferenças de variação, enquanto que fatores de mudança lingüística, são detectados, ou seja, revelam com o passar do tempo.

Todo e qualquer indivíduo, instruído ou não, ao atentar-se aos aspectos lingüísticos de mudança por detectar que as línguas mudam. Esta afirmação, segundo Monteiro (2000), está alicerçada nas teorias laborianas que chamam atenção para as questões de geração, ou seja, uma pessoa idosa certamente irá perceber que existem termos na construção textuais usados por jovens que não fazem parte do seu vocabulário ao conhecimento. Da mesma forma um adolescente ao ouvir os avós falando irá reconhecer o idioma, mas saberão que algumas palavras fogem ao seu cotidiano, assim assinala-se o aspecto diacrônico da mudança lingüística.

Num olhar mais teórico, é possível encontrar na maioria dos autores lingüísticos. Esta mudança vem mostrar a trilogia espaço, tempo e texto, que são respectivamente as bases sistemáticas que demonstram em valores de mudança que os advérbios assumem funções de conjunções.

Desenvolve-se a partir de então que a idéia de que o uso das línguas nas situações reais de comunicação que sofrem os elementos lingüísticos ao longo do tempo e que essas transformações apresentam unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Os elementos, com o processo de gramaticalização perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se, assim mais fixas e mais regulares. Assim, advérbios de lugar assumem a função de conjunção e não vice-versa. (Lingüística Funcional: teoria e prática)

Apoiada pela teoria da gramaticalização, a sociolinguística verifica que os fatores socioculturais, cognitivos e comunicativos interligados, formam um âmbito propício para a consagração da mudança, já que é no espaço comunicativo, ou seja, no lugares onde as diferentes culturas se interagem, que a língua vai adquirindo modificações e novos caracteres sobre os que já existem. Isso se dá sem que a gramática normativa possa prever, ou melhor, ela mantém uma posição estática a mercê dos valores lingüísticos que minuciosamente e cientificamente vão delineando os signos, até que uma grande parte populacional faça uso literário. Daí a gramática passa a sistematizar ou formalizar os neologismos.

Para exemplificar o que os fatores tempo e sociedade significam, basta parafrasear o que diz Martellota, quando explica a diferenciação do vocábulo 'mal'. Advindo do latim o prefixo 'male' inicia palavras como 'malevolência'. Porém, a palavra 'mal' difere desse raciocínio de prefixo, pois denota a característica de advérbio.

Os processos de mudança acerca dos exemplos dados, por não transcrever uma evolução e sim uma sucessão diferente, conduzem à aceitação do termo Pressão de informatividade, onde o signo assume um novo valor dependente dos contextos que diacronicamente vem sendo inserido.

O fator temporal não significa, segundo Lyoni, o causador da mudança lingüística, pois sabemos que interventores como a situação de fala, as condições sociais do falante e o meio sociocultural, são de suma importância para que a língua possa adquirir novos caracteres ou novas manifestações de mudança. Nesse âmbito, o tempo irá funcionar como um mecanismo de fixação das transformações ocorridas.

Sendo assim, podemos entender que a mudança lingüística é um fenômeno com três pontos principais que agem assistemática e intensamente sobre a língua. A cognição, que está intrinsecamente voltada para as condições de produção e assimilação de cada falante, o uso, que se refere à propagação da forma em massa e por último o fator tempo, que assegura essa propagação seja fixada, levando as variantes responsáveis pela transformação ao seu caráter de mudança.

Lingüística e Língua Portuguesa: uma interação científica

A língua portuguesa, em geral, sempre foi alvo de constantes intervenções estruturais originárias das relações existentes entre seus usuários. Essas manifestações são responsáveis por inúmeros processos que se intercalam na língua ocasionando fenômenos como variações e mudanças os quais já foram estudados detalhadamente nos capítulos anteriores. Cabe-nos, aqui, compreendermos minuciosamente algumas dessas influências por meio do estudo da lingüística.

A lingüística é indispensável para o a compreensão da língua Portuguesa, pois as constantes modificações provenientes das variedades da fala e da escrita só são entendidas através do estudo dessa ciência. O português está entre os dez idiomas mais falados do mundo, constituindo um idioma internacional e utilizados por mais de 220 milhões de usuários espalhados pelo mundo. Dentre esses contingentes de falantes, 85% estão concentrados no Brasil. Dessa forma, o país carrega uma grande responsabilidade junto aos outros países que comungam do uso do mesmo sistema de expressão comunicativa oral e tem a obrigação de proteger esse patrimônio.

Atualmente, o português é o idioma oficial em oito países dentre os quais estão o Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guine - Bissau, Moçambique, São Tome e Príncipe e Timor leste, além de ser língua oficial em Macau, que foi incorporado à China como região Administrativa especial.

Contudo, apesar desses países utilizarem o português como idioma oficial, apenas em Portugal e no Brasil o mesmo possui características hegemônicas. Entre os outros países, o português é usado ao lado de outras línguas remanescentes de grupos étnicos distintos. Esses locais são considerados plurilingüísticos por possuírem uma grande variedade de falas aceitas como oficial.

Os fatores estruturais, como poucos investimentos em políticas educacionais, dificultam a utilização da língua portuguesa nos países plurilingüísticos. As maiorias das populações desses locais sofrem com problemas como alto índice de analfabetismo e pobreza, além de possuírem precários investimentos no sistema educacional. Em solidariedade com essas dificuldades e na tentativa de preservar o uso da língua portuguesa nestes locais e gerar condições para que essas populações possam usufruir do uso de sua língua portuguesa perfeitamente. Nações como o Brasil, que possui uma grande importância entre os falantes da língua portuguesa, tentam desenvolvem políticas para resguardar e ampliar o uso da língua nesses lugares, como também, com objetivos de aumentar o uso do português para outros territórios ao redor do mundo, contudo, respeitando as diferenças culturais existente em cada comunidade.

A língua portuguesa falada no Brasil, pelo seu respaldo entre os usuários do idioma, deve romper as fronteiras do país e se propagar pelos diversos cantos do planeta. Antes, porém, é necessária sua estruturação dentro das fronteiras do próprio país, diminuindo o analfabetismo, que ainda assume projeções alarmantes, tanto entre as pessoas que não possuem nenhum nível de escolaridade; como também, entre as pessoas que são alfabetizadas, mas que não alcançam um nível de escolaridade o qual lhe dê condições de ler e escrever fluentemente. Outra necessidade que está intrinsecamente ligada ao baixo nível de escolaridade e que deve ser atenuado dentro da estrutura do nosso país é a conscientização da população sobre a importância de preservar essa que é uma das nossas maiores riquezas: a língua. Todavia, deve-se levar em consideração que nosso país é uma nação multilíngüe onde são faladas centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas de imigração. Entender o país dessa maneira é essencial para a conscientização do respeito às diferenças culturais e lingüísticas existente na nossa nação.

Essa diversidade lingüística existente no país é retratada por Yonne Leite e Dinnah Callou da seguinte maneira:

Embora à época da conquista fossem 1.273 línguas indígenas, no Brasil atual há, além do português, segundo estimativa do pesquisador Aryon Rodrigues, apenas 180 línguas Indígenas – das quais a grande maioria se encontra na Região Amazônica, que possui uma população de 350 mil pessoas distribuídas em 206 etnias – e 41 famílias, dois troncos e uma dezena de línguas isoladas. (Como falam os brasileiros) p.14

A fim de evitar o extermínio de muitas línguas como ocorreu no Brasil a difusão da língua Portuguesa aos demais territórios não pode ocorrer em detrimento dos outros idiomas já existentes nestes locais, pois todas as línguas estão intrinsecamente ligadas às tradições culturais dos povos e dos locais que os utilizam. Assim, o português nos demais lugares, deve evoluir junto com as outras línguas que já são faladas para facilitar a comunicabilidade entre a população, contudo, é preciso evitar o superstrato.

O Brasil por ser o território onde existe a maior parte de falantes de português no mundo tem a grande obrigação de zelar pela língua, pois essa já faz parte do patrimônio lingüístico do povo brasileiro. Entre os mais de 220 milhões de falantes do português pelo mundo estima-se que aproximadamente 190 milhões estejam concentrados no em nosso país. Esses números são suficientes para mostrar a importância do Brasil entre os

países que utilizam esse idioma e colocá-lo em posição de destaque sobre os demais países. Só a critério de exemplificação imaginemos que se hoje o português deixasse de ser falado pelo Brasil teria uma redução de quase 85% de falantes.

As formas como o português se desenvolvem são diferentes de um país para outro, ou até mesmo dentro de um próprio país, as tradições culturais e as características e econômicas, de cada comunidade, é que determina o curso que a língua irá assumir em cada local. Para isso, a lingüística mostra que não só os fatores geográficos influenciam na língua como também os fatores sociais. Um exemplo dessa afirmação é o português falado por algumas camadas da população brasileiro e que são bastante estigmatizadas pelas diferenças regionais, econômicas e sociais.

Os laços que unem a lingüística e a Língua Portuguesa revelam-se indissociáveis, de maneira que tentar compreender uma sem a outra refuta-se a idéia de que a língua é algo dinâmico e não estático, embora a gramática normativa ainda a tente freá-la. Não se deve, contudo negar o ensino de gramática, entretanto é preciso alcançar cada vez mais uma interação com a lingüística a fim de que haja uma melhor compreensão da própria gramática.

A lingüística na formação de professores

Os estudos lingüísticos à medida que obteve avanço foi proporcionalmente estreitando os laços de interação com a Língua Portuguesa. Tal laço interativo, fez e vem fazendo com que haja uma necessidade de se inserir, intensamente, na formação de professores, em especial, aqueles que estudam a língua portuguesa as concepções advindas da ciência que estuda a língua. Não se pode, de modo algum, conceber que um formando em letras português não tenha em seu arcabouço acadêmico os mais profundos conhecimentos em lingüística. Imbuído desse conhecimento certamente não lhe faltará valores lingüísticos que lhe possibilite a melhor execução de suas tarefas como profissional da área.

A função da lingüística como pré-requisito para o aluno que faz o curso de língua portuguesa, garante a este formando um saber necessário a sua atuação como professor. É imprescindível que se saiba tal conhecimento, pois, dessa forma isto lhe facilitará no tratamento que ele (o professor) venha dar a gramática não estigmatizando falares que não condizem com a gramática normativa. Neste ponto, convêm explicitar aqui as questões relacionadas à dicotomia *Certo x Errado*: refletir sobre esse aspecto nos conduz a fazermos uma análise do que de fato seja certo ou errado. Como já foi citado neste artigo há duas modalidades de linguagem, a oral e a escrita. Enquanto esta está voltada a uma ordem elaborada cujo nome é gramática, a primeira, por sua vez está relacionada de forma inerente a cada indivíduo, assim percebe-se que cada “indivíduo nasce com uma gramática internalizada” segundo Chomsky.

Conhecer a língua a partir de sua oralidade remete ao formando em letras a ter ciência dos processos que interferem no idioma. É preciso tê-los em mente, uma vez que, observando o aspecto variacional da língua, percebe-se que esta sofre mudanças de gradação histórica quanto em cada contexto em que é utilizada. Assim, de posse das questões referente aos processos diacrônicos e sincrônicos, não se pode negar que, mesmo com a sistematicidade gramatical, a língua usada para comunicação oral sofre alterações diversas que nem mesmo a gramática consegue freá-la.

Ensino de Língua Portuguesa na escola

Há muito, têm-se discutido acerca do ensino de Língua portuguesa na escola o qual está relacionado diretamente ao ensino de gramática, a conhecida gramática normativa. Ao longo do tempo a escola tem se limitado em apenas ensinar a língua escrita, claro que não a tenha que deixá-la de lado, contudo não só de escrita sobrevive um idioma. Sabemos que é de suma importância a transmissão de tal ensino, todavia se restringir a ele termina por não dar a atenção devida aos fatores lingüísticos provenientes dos falares de cada um que frequenta a escola.

É certo que a produção textual, que está ligada de modo intrínseco à linguagem escrita sofre influências da linguagem oral. Estamos, portanto diante de dois aspectos da linguagem: o oral e o escrito. Ambos estão vinculados a processos comunicativos, além de conterem estruturas sintáticas semelhantes num e noutro aspecto. Basta fazer uma observação um pouco mais criteriosa para que se possa constatar que a maior preocupação da escola, se não a única, é a de transmitir aos seus educandos a língua escrita, como se esta fosse somente aquela que o aluno tivesse de tomar conhecimento. Este fato comprova que a escola não tem levado em consideração a linguagem oral de cada aluno.

Considerações finais

No decurso de nossos estudos, deparamo-nos com inúmeros aspectos que permeiam sobre a lingüística, de modo que identificamos que é de notável importância que os professores, em especial os de língua portuguesa, tenham em mente as concepções acerca de tal ciência. Frente a esse fato, concluímos que a formação de professores sobre a ciência que estuda a língua, provoca no formando em letras um comportamento no tocante a lingüística, uma vez que se faça necessário tal conhecimento para que se saiba lidar com situações que requeiram conhecimentos lingüísticos.

A consciência de que o ensino de gramática seja importante para que o aluno saiba organizar seu pensamento, suas idéias no papel é indiscutível. É preciso, contudo, levar em consideração os hábitos falares de cada aluno, já que o modo como ele ler e reproduz através de palavras o mundo, os acontecimentos em fim..., revela-se em , indubitavelmente, em uma forma subjetiva que lhe é particular.

Não se pode negar, por isso, que devam existir laços interacionais entre lingüística e gramática, principalmente quando se trata de ensino de língua portuguesa, visto que tal gramática não representa fidedignamente a linguagem oral. Para reforçar essa concepção fazemos uso das palavras de Maria Helena de Moura Neves (2004), quando diz: “Ninguém precisa primeiro estudar as regras de uma disciplina gramatical para depois ser falante competente de sua língua...” No mais, conscientizamos de que existem distinções entre linguagem oral e linguagem escrita, entretanto é necessário que professores estejam bem formados no que corresponde a uma vertente e outra a fim de humanizar o ensino de língua portuguesa no sentido de salvar os alunos de expressões preconceituosas.

Referencial teórico

LUCCHESI, Dante. Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da Lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? 2ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.